

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

CONTRIBUTIONS OF INSTITUTIONAL PSYCHOPEDAGOGY TO FOREIGN LANGUAGE TEACHING: A LITERATURE REVIEW

Nathalia Januário Vieira¹
nathaliajanuario@live.com
Richarles Souza de Carvalho²
rsc@unesc.net

RESUMO

O presente estudo aborda as contribuições da Psicopedagogia Institucional para o ensino de língua estrangeira. A forma encontrada para problematizar tal objeto foi através de revisão de literatura, buscando subsídios que norteassem como é feito ou poderia ser feito o auxílio psicopedagógico para o ensino de língua estrangeira. Para tanto, este estudo buscou suporte em autores especialistas e pesquisadores em ambos assuntos. Portanto, a base teórica vem de autores como: Fernández (2001), Bossa (2000), Escott (2004); Schütz (2002/2018), Gonçalves (2017), Miccoli (2017), entre outros. Essas obras contribuíram de maneira satisfatória para com os resultados desta revisão de literatura, o que evidenciou e demonstrou a relevância do trabalho psicopedagógico frente aos processos educativos. Atualmente, com todos os entraves enfrentados pela instituição escolar, sabemos que a Psicopedagogia vai precisar ainda galgar seu espaço no ambiente escolar, estabelecendo uma relação de prevenção frente às dificuldades de aprendizagens.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia. Psicopedagogo Institucional. Ensino de língua estrangeira.

ABSTRACT

This study addresses the contributions of Institutional Psychopedagogy to foreign language teaching. The way found to problematize such object was through literature review, seeking subsidies that would guide how it is done or could be done the psychopedagogical assistance for foreign language teaching. To this end, this study sought support from expert authors and researchers on both subjects. Therefore, the theoretical basis comes from authors such as Fernández (2001), Bossa (2000), Escott (2004), Schütz (2002/2018), Gonçalves (2017), Miccoli (2017), among others. These works have satisfactorily contributed to the results of this literature review, which has highlighted and demonstrated the relevance

¹ Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Professora da rede pública e particular de ensino em Araranguá – SC.

² Licenciado em Letras – Português/Inglês pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul da Santa Catarina - UNISUL. Professor do ensino superior na área das humanidades.

of psychopedagogical work in relation to educational processes. Currently, with all the obstacles faced by the school institution, we know that Psychopedagogy will still need to reach its space in the school environment, establishing a prevention relationship in the face of learning difficulties.

KEYWORDS: Psychopedagogy. Institutional Psychopedagogue. Foreign language teaching.

1 Introdução

*“Todos os seres humanos são capazes de aprender,
mas é necessário que adaptemos nossa forma de ensinar”*
Vygotsky

O presente trabalho tem como proposta demonstrar contribuições da Psicopedagogia Institucional ao ensino de língua estrangeira por meio de uma revisão de literatura. A reflexão acerca deste tema manifestou-se, em primeira instância, pela formação que temos na área de Letras, com atuação no ensino de Língua Inglesa. E em segundo momento, pela necessidade de problematizar as contribuições da Psicopedagogia Institucional para o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

O interesse em discutir o tema surge como meio de aprofundar os conhecimentos da área da linguagem aos conhecimentos da Psicopedagogia Clínica e Institucional. Destarte, é necessário cada vez mais abranger as diversas áreas tocantes ao ser humano, não apenas dominar a didática e saber o conteúdo que irá ensinar, mas também entender que o aluno carrega conhecimentos que devem ser valorizados, bem como deixar o aluno disposto a expandi-los, principalmente quando se trata de aprender uma língua estrangeira. Já que aprender outro idioma faz parte do atual currículo escolar brasileiro.

Porém, nem sempre foi assim. As Leis de Diretrizes e Bases da Educação – LDB registraram mudanças para no ensino de língua estrangeira ao longo dos anos. Em determinada época, era possível escolher qual língua o aluno aprenderia, tendo sido ofertados interessantes opções, dentre elas: francês, espanhol, inglês, as quais dependiam da região onde o aluno se encontrava e do itinerário escolar que escolhia. Durante alguns anos, a disciplina foi retirada do currículo e vista como dispensável. Tempos depois, ela foi retomada com tamanha força que ainda hoje é vista como imprescindível para o currículo escolar comum.

A língua estrangeira também está presente na atual Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que rege as disciplinas que têm de ser ofertadas nas escolas do Brasil. A formação geral básica que o documento traz contará com itinerários específicos, e dentro dos

itinerários, serão ofertadas aulas de língua estrangeira, porém, diferente de optar pelo idioma, a BNCC coloca o inglês como língua estrangeira obrigatória: “IX - língua inglesa, podendo ser oferecidas outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade da instituição ou rede de ensino (Resolução CNE/CEB nº 3/2018, Art. 11, § 4º)” (BRASIL, 2017, p. 476). Conforme aponta o documento, a “BNCC prioriza o foco da função social e política do inglês e, nesse sentido, passa a tratá-la em seu status de língua franca.” (BRASIL, 2017, p. 241).

Atualmente, algumas instituições de ensino ofertam até duas aulas por semana por turma. Desta forma, em algum momento da vida escolar, o aluno terá acesso a um conhecimento que poderá ter sido construído em casa, antes mesmo da escola, por meio de vídeos, de parentes que ensinam ou somente terão o primeiro contato com o professor explicando o que é uma língua estrangeira, para assim aprenderem desde vocábulos simples até estruturas gramaticais mais complexas, enfim, outro idioma para comunicação.

Como já pode ser previsto, nem todos os alunos são adeptos à ideia de aprender estruturas de um novo idioma, alguns por acharem difícil, outros por medo de errar, vergonha, e ainda outros motivos que ouvimos de alunos. Para isso, cabe ao professor saber conduzir a situação, fazendo com que o aluno não crie barreiras e bloqueios ao ser exposto semanalmente a esse conhecimento. Afinal, são aulas de, no mínimo, quarenta e cinco minutos, que, se não forem minutos bem utilizados, podem tornar-se para o aluno, longos minutos de tédio e tortura.

Florêncio (2010) aponta que “Quando uma criança aprende uma LE, fatores como afetividade e meio podem influenciar este processo de aquisição. Portanto, é necessária uma postura crítica e um espírito de curiosidade em buscar novos meios de ensino.” (FLORÊNCIO, 2010, s/n). Isto é, a postura que o professor traz no contato com a nova língua pode influenciar o aluno a ter um processo positivo, abrindo portas para que este sinta-se confiável e bem para arriscar-se nos novos conhecimentos; do contrário, poderá ser negativo.

Embora o professor de língua estrangeira costume ter várias cartas na manga, trazendo momentos lúdicos à sala de aula para conquistar os alunos, ainda sim, poderá haver alunos que tenham alguma dificuldade em aprender determinados conteúdos, ou ter dificuldade com a disciplina em si. Esta dificuldade pode decorrer de diversos fatores.

É nesse ponto que a escola tem dois caminhos a seguir: i) um deles é quando detectado um distúrbio real de aprendizagem, ou um problema na equipe docente, a equipe gestora poderia contar com o auxílio psicopedagógico para que sane o problema e ajude a tornar

o aprendizado mais acessível para o aprendiz, sendo este o psicopedagogo clínico; ii) outro caminho, seria apenas ignorar a situação, ou por vezes, olhar a situação de forma incorreta, como se o aluno que não entende o que lhe é ensinado, fosse anormal, preguiçoso, ou quaisquer denominações que infelizmente ouvimos, em razão de os professores não terem uma sensibilidade ou um olhar psicopedagógico. No entanto, a atuação psicopedagógica não se resume a sanar uma ferida já aberta, ajudando a cicatrizar, mas também atuar na prevenção desses problemas, através de formação continuada com professores, atividades com alunos etc. Embora seja uma opção deveras importante, o enfoque preventivo, infelizmente, não é realidade na maioria das escolas do nosso país devido às leis referentes ao profissional psicopedagogo.

O presente artigo está dividido em dois pontos chave: o primeiro reflete o papel da Psicopedagogia Institucional e o segundo aborda contribuições que esta traz para o ensino de língua estrangeira. Desta forma, após feita leitura de todo o referencial teórico, entendendo o que é a Psicopedagogia Institucional e sua atuação, contrastamos os dois objetos, buscando entender a ligação entre ambos os pontos para que pudéssemos refletir acerca das contribuições da Psicopedagogia Institucional para o ensino de língua estrangeira.

2 Psicopedagogia institucional e seu papel

Há tempos o processo de aprendizagem está ganhando um novo olhar, temos dado mais valor àquilo que é inerente ao ser humano, seus sentimentos, sua inteligência carregada de conhecimentos antes mesmo de ter estudado. É importante trabalhar essa observação – chamada de “olhar e escuta psicopedagógicos” – em sala de aula, que é enxergar além do aluno, o ser que ali habita, que carrega emoções, frustrações, alegrias, com ou sem base familiar.

A Psicopedagogia surge para falar como cada um aprende, para falar de processos entre ensinantes e aprendentes, não apenas olhando a aprendizagem por si só. Ela envolve o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, afetivo e as mais específicas áreas que estão por trás do processo de aprendizagem. A atuação do psicopedagogo, no entanto, não se resume apenas à escola, podendo ser uma atuação institucional, clínica, hospitalar, entre outros lugares. Onde houver processos de aprendizagem, existe ali uma possibilidade de intervenção psicopedagógica, pois se trata de “um campo de estudo que se utiliza dos conhecimentos de diversas áreas, a saber: da psicologia, da pedagogia, da psicanálise, da medicina, da linguística,

da semiótica, da neuropsicologia, da psicofisiologia e da filosofia humanista-existencial.” (VERCELLI, p. 72, 2012).

As discussões psicopedagógicas no Brasil têm aproximadamente 30 anos, com o compromisso de respaldar algumas discussões que já tinham sido iniciadas pelo Construtivismo da década de 1980. O compromisso dessas discussões, segundo Bossa (2000), era responder à sociedade sobre o fracasso escolar que se instalava no Brasil; os questionamentos não eram mais como o professor deveria ensinar, mas sim como o aluno aprende. Desta forma, surgem as formações em Psicopedagogia, tanto na graduação como na modalidade de especialização.

Sendo objeto de estudo da Psicopedagogia a aprendizagem e seus entraves, ainda há muitas discussões acerca dessa temática, por se tratar de aspectos subjetivos, particulares e acima de tudo trata-se de objetos de estudos sobre o inconsciente, ou seja, a Psicopedagogia atua em área interdisciplinar, pois, como afirmada acima, ela está aliada à psicologia, sociologia, filosofia e principalmente a aspectos antropológicos, por conceber o indivíduo como ser em evolução. Sendo assim, a Psicopedagogia está atrelada a diversas áreas do conhecimento, por compreender os aspectos cruciais na formação dos seres humanos na sua totalidade e integralidade.

A Psicopedagogia possui duas vertentes: a terapêutica, encontrada nos tratamentos clínicos; e por um viés preventivo, denominada Psicopedagogia Institucional, que acontece nos ambientes escolares. Enquanto processo terapêutico, o psicopedagogo atua em clínicas de saúde ou em consultório próprio, na chamada Psicopedagogia Clínica. Porém, apesar de atuar em clínica, o diagnóstico de qualquer problema não é feito pelo profissional sozinho, mas sim, por uma equipe multidisciplinar. O enfoque preventivo é feito diretamente em escolas, sendo esta a Psicopedagogia Institucional, que receberá o holofote deste trabalho. Dentre as funções do psicopedagogo na instituição escolar, destacamos:

a) atuar preventivamente de forma a garantir que a escola seja um espaço de aprendizagem para todos; b) avaliar as relações vinculares relativas a: professor/aluno; aluno/aluno; família/escola, fomentando as interações interpessoais para intervirnos processos do ensinar e aprender; [...] f) mediar a relação entre profissionais especializados e escola nos processos terapêuticos; g) participar de reuniões da escola com as famílias dos alunos colaborando na discussão de temas importantes para a melhoria do crescimento de todos que estão ligados àquela instituição; h) atender, se necessário, funcionários da escola que possam necessitar de uma orientação quanto ao desempenho de suas funções no trato com os alunos. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA, p. 1, 2013).

A atuação do psicopedagogo institucional não se limita apenas a trabalhar com o aluno e suas dificuldades após este desenvolvê-las, mas também, em preveni-las. Esta ação é feita através do trabalho com o corpo docente que circunda o aluno, além de trabalhar diretamente com os estudantes. Na relação entre professor e psicopedagogo destacamos:

c) enfatizar a importância de que o planejamento deve contemplar conceitos e conteúdos estruturantes, com significado relevante e que levem a uma aprendizagem significativa, elaborando as bases para um trabalho de orientação do aluno na construção de seu projeto de vida, com clareza de raciocínio e equilíbrio; d) identificar o modelo de aprendizagem do professor e do aluno e intervir, caso necessário, para torná-lo mais eficaz; e) assessorar os docentes nos casos de dificuldades de aprendizagem; encaminhar, quando necessário, os casos de dificuldades de aprendizagem para atendimento com especialistas em centros especializados. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA, p. 1, 2013).

Em *Psicopedagogia Institucional: o enfoque da prevenção*, Clarice Monteiro Escott trouxe à luz a discussão sobre a prevenção do fracasso escolar e como essa prevenção pode acontecer através da atuação do psicopedagogo, buscando minimizar sua ocorrência.

O fracasso escolar é resultado da falta do olhar e escuta sobre o individual de cada aluno, vem da não-observância quanto às estruturas que o aluno pertence e as que ele traz consigo, que são inerentes ao seu ser. Dificilmente o aluno que está vivenciando situações complicadas em casa estará atento às aulas. Quando não entendemos o contexto desse aluno, não o estamos ajudando, mas sim, deixando-o ainda mais apreensivo. É importante ressaltar que a base de ensino da escola deve partir das necessidades do aluno, e quando isso não é observado, a aprendizagem torna-se difícil e uma simples aula pode transformar-se no fracasso.

A Psicopedagogia Institucional surge em favor dos menos favorecidos, estes a quem o olhar e escuta cuidadoso, por vezes, é negligenciado. Desta forma, ingressa o psicopedagogo nesse meio trazendo a ajuda necessária para que haja a “ressignificação das relações de aprendizagem na escola, através de uma ação interdisciplinar” (ESCOTT, 2004, p. 35). Fazendo assim com que alunos e professores voltem a ver a importância do aprender e como é gratificante o processo de aprendizagem com significado, pois a instituição escolar é ambiente comum para a construção do conhecimento, e não para desenvolver aversões à aprendizagem.

Além disso, a intervenção que a Psicopedagogia Institucional propõe não está voltada somente para o aluno, mas também, para o professor: “a ação do psicopedagogo está centrada na prevenção do fracasso e das dificuldades escolares, não só do aluno como também

dos educadores e demais envolvidos nesse processo.” (ESCOTT, 2004, p. 37). Com isso, a intervenção psicopedagógica busca ajudar a desenvolver no professor a autonomia para que possa refletir sobre sua prática, pois a aprendizagem advém da relação dinâmica e positiva entre professor e aluno.

Na Psicopedagógica Institucional a atuação acontece através da investigação e análise das características acerca da comunidade escolar, a organização da instituição, o PPP e a relação de poder na instituição. A partir da investigação e análise, será obtido o plano de intervenção a fim de atuar nas necessidades escolares. A partir disso serão desenvolvidas novas estratégias no que concerne à aprendizagem. Tal investigação tem o papel fundamental de antecipar as dificuldades de aprendizagem, prevenindo alunos e professores de ter de lidar com algo maior.

O propósito de ter o psicopedagogo na ação preventiva está em auxiliar na reflexão das práticas pedagógicas, visto que o fracasso escolar tem seu início na própria formação dos professores. Entretanto, nem sempre o novo agrada, pois pode nos fazer sair da zona de conforto muito desejada por alguns profissionais.

Professores de redes pública e privada anualmente passam pela formação continuada, que é um momento de estudos e reflexão sobre a prática em sala de aula, novas metodologias que contribuem para atualizar o professor acerca das novidades tecnológicas, novos conteúdos, novas didáticas, etc. A formação continuada também pode servir para que o professor se sinta motivado a desempenhar melhor seu papel em sala de aula. Contudo, para que seja alcançado este objetivo, a formação deve ser um momento significativo para o professor, caso contrário, nada valerá o tempo dedicado ao estudo.

No entanto, as formações continuadas podem ser condenadas por alguns professores que veem o momento de estudo como um desperdício de tempo. Se existem profissionais que criticam a formação continuada, certamente existem aqueles que irão queixar-se de ter um psicopedagogo opinando sobre seu trabalho, pois o papel do psicopedagogo na instituição será o de “colocar o dedo na ferida”, buscar causas e causadores para que possa exercer seu trabalho de investigação, isso tudo sem expor o professor, sempre com o intuito de auxiliar, mas por vezes a Psicopedagogia

é vista como ameaçadora, pois tem por objetivo fortalecer a identidade do grupo e transformar a realidade escolar. Torna-se ameaçadora, pois em muitos casos, o psicopedagogo poderá propor mudanças para que determinadas crianças aprendam,

mas, infelizmente, muitos educadores resistem a essas mudanças e interpretam o que lhes foi dito como se não estivessem dando conta do papel que exercem. (VERCELLI, 2012, p. 73).

Com o trabalho do psicopedagogo junto do professor titular, poder-se-ão abrir portas que antes eram barreiras. Esta tarefa não pode ser vista como negativa, mas sim enxergar nas melhorias que o psicopedagogo propõe, oportunidades do professor de crescer profissional e humanamente. A incumbência que o psicopedagogo coloca não tem teor crítico para devastar o professor, pelo contrário, o objetivo de se ter um psicopedagogo institucional está em ter um profissional que ajude a ponderar os pontos de melhoria no dia-a-dia da sala de aula para que o aluno não necessite de encaminhamento clínico.

Nesse momento cabe ao psicopedagogo agir para fazer sua intervenção não apenas com o aluno, mas também com esse profissional que não consegue vislumbrar a beleza da atuação psicopedagógica e sua importância. Para tanto é importante que o psicopedagogo conheça como funciona o ambiente de trabalho em que irá atuar, pois, a partir disso, ele saberá como a instituição reage frente às novas abordagens que lhe são colocadas.

Soares e Senna (s/d, p. 6) afirmam que é dificultoso para as escolas ter de lidar com as dificuldades de aprendizagem existentes e, sozinhas, elaborar uma mediação eficiente para auxiliar o aluno a superar os problemas que tem durante o percurso da aprendizagem.

Entendemos que cada instituição tem seu método, suas necessidades e expectativas e o psicopedagogo deverá percebê-las para que efetivamente cumpra seu papel. Para isso, faz-se necessário que a equipe escolar confie e acredite no profissional e esteja solícita a aceitar mudanças, caso contrário, poderá deixar de obter o resultado esperado. (VERCELLI, 2012, p. 75).

Por isso, ter um psicopedagogo na escola é de suma importância, pois é um profissional que vai observar e analisar profundamente a situação apresentada, a fim de não apenas encontrar a fonte da causa, mas também tentar transformar a situação em um modelo a não ser seguido, fazendo com que a incidência diminua até que o cenário não se repita mais. Isso deve acontecer com o apoio da escola e daqueles que a administram, sem que estes pensem que o psicopedagogo está ali para os intimidar. Pelo contrário, o objetivo é sempre o de agregar conhecimentos, auxiliando nos problemas existentes e buscando métodos de prevenir os que podem surgir.

Pudemos perceber até agora o quão importante é a presença de um psicopedagogo institucional na escola auxiliando toda a equipe gestora e docente a ajudar os estudantes na solução de problemas relacionados à aprendizagem. Apesar de ser muito importante ter um psicopedagogo na instituição escola, infelizmente esta não é a realidade da maioria das escolas no Brasil. Porém, já é possível perceber que este índice está mudando, pois já existem concursos para atuação em escolas em nível federal, estadual e municipal.

Além disso, sabemos que a atuação psicopedagógica não se resume apenas em abranger uma disciplina da escola, mas ao aprendizado como um todo. É importante salientar que o atendimento psicopedagógico não é um reforço escolar, em que são feitas atividades extras de determinada disciplina. Longe disso, o psicopedagogo utiliza técnicas e artifícios oriundos das ciências que se apoia para poder realizar sua intervenção onde sua presença é requerida, no caso do foco de nosso trabalho, o ensino de língua estrangeira em ambiente escolar.

3 O ensino de língua estrangeira e a psicopedagogia institucional

Como dito anteriormente, a atuação do psicopedagogo não se limita apenas à escola, podendo trabalhar em empresas, hospitais, onde for preciso seu trabalho e necessária sua intervenção. A psicopedagogia pode lidar com diversas áreas, dentre elas o ensino de língua estrangeira, foco deste trabalho.

A pergunta que nos circunda, como educadores, é como o profissional psicopedagogo poderia auxiliar neste campo do conhecimento, visto que sua formação inicial, por vezes, não integra conhecimentos específicos de uma língua estrangeira. Desta forma, através da revisão de literatura feita, encontramos alguns direcionamentos para tais situações que podem vir a acontecer quando o psicopedagogo institucional está no âmbito escolar. Também salientamos que, como nosso foco é o ensino de língua estrangeira, o psicopedagogo pode estender seu campo a escolas de idiomas, visto que, são lugares de aprendizado.

Abordamos anteriormente que há na BNCC, em razão da legislação vigente, a obrigatoriedade do ensino de língua inglesa. Outras línguas, como espanhol, seriam opcionais, um diferencial no itinerário que o aluno venha a fazer. A escolha justifica-se:

Ensinar inglês [...] tem, para o currículo, três implicações importantes. A primeira é que esse caráter formativo obriga a rever as relações entre língua, território e cultura,

na medida em que os falantes de inglês já não se encontram apenas nos países em que essa é a língua oficial. [...] A segunda implicação diz respeito à ampliação da visão de letramento, ou melhor, dos multiletramentos, [...] a língua inglesa torna-se um bem simbólico para falantes do mundo todo. [...] Por fim, a terceira implicação diz respeito a abordagens de ensino. Situar a língua inglesa em seu status de língua franca implica compreender que determinadas crenças – como a de que há um “inglês melhor” para se ensinar, ou um “nível de proficiência” específico a ser alcançado pelo aluno – precisam ser relativizadas. (BRASIL, 2017, p. 242).

A língua inglesa é de longa data conhecida como idioma dos negócios, da ciência e do turismo. Atualmente tem o status de língua franca, o que significa que não aprendemos inglês apenas para falar com nativos do idioma, mas com qualquer outra pessoa que também domine o idioma. Cabe aqui apresentar a formação que o professor deve ter e como acontece o ensino-aprendizagem nas escolas.

Para ser professor de línguas em escolas regulares o processo é fazer uma graduação em Letras. Um problema conhecido é que nem sempre nesses cursos superiores o professor conseguirá proficiência na língua estrangeira. Obviamente não devemos levar apenas esta situação em consideração, pois existem outros fatores, como: salas de aula lotadas, materiais escassos, acesso restrito a determinados recursos que poderiam ser oferecidos.

A datar de muitos anos, variados tipos de metodologias já passaram pela sala de aula como: Método de tradução, que ainda pode ser visto atualmente; Método direto, Áudio-lingual, Abordagem comunicativa, entre tantos outros que foram e são aplicados em sala de aula.

Com todas as possibilidades de aula que temos, podendo ser mais didáticas com dinâmicas, games, e outros materiais, o que mais vemos são aulas focadas na mecanização do ensino. Não buscamos apontar o culpado de tal situação, mas devemos ter em vista a realidade escolar contrapondo o que nos é solicitado como professores de língua estrangeira.

Uma das formas mais eficazes no ensino de línguas seria a *Theory of Second Language Acquisition* (Teoria de Aquisição de Segunda Língua) postulada por Stephen Krashen na década de 1980. Segundo Schütz (2012),

de acordo com sua teoria, acquisition é responsável pelo entendimento e pela capacidade de comunicação criativa: habilidades desenvolvidas subconscientemente. Isto ocorre através da familiarização com a característica fonética da língua, sua estruturação de frases, seu vocabulário, tudo decorrente de situações reais, bem como pela descoberta e assimilação de diferenças culturais e pela aceitação e adaptação à nova cultura. (SCHÜTZ, 2012, p. 1).

Atualmente em muitas escolas, podemos ver o aprendizado de línguas de uma maneira um tanto quanto mecanizada. Os professores querem apenas dar conta de conteúdos a fim de obter notas e comodidade com relação ao ensino. Isso faz com que exista poucas aulas dinâmicas, variando o foco na leitura, escuta e escrita. Dessa forma levaríamos em consideração as múltiplas inteligências que temos em uma sala de aula, conseguindo contemplar aqueles que têm mais facilidade com o lúdico, com o visual, entre outras formas, respeitando o ritmo de cada um. Giraldello e Tedesco (2016) afirmam:

Quanto à aprendizagem, cada sujeito tem seu ritmo, sua maneira de aprender. Uns têm maior facilidade com as letras, outros com os números. Essa discussão clama fatores que influenciam e tornam um sujeito (in)apto à efetiva aprendizagem de uma língua estrangeira. (GIRALDELLO E TEDESCO, 2016, p. 34).

O papel do psicopedagogo na escola é perceber as individualidades dos alunos, chamados de aprendentes pela Psicopedagogia, levá-las em consideração e auxiliar os professores a conseguir abordar tais aspectos para cada vez mais obter sucesso no ensino-aprendizagem. Desta forma, nesta seção pretendemos analisar as possíveis contribuições da Psicopedagogia para o ensino de língua estrangeira, especialmente a língua inglesa.

Em sala de aula, como professores, lidamos com diversas situações e possibilidades. Assim também o aluno pode vir a lidar com exposições as quais não estaria preparado, principalmente a exposição frente a um novo idioma, pois consiste em ser apto a se expressar em outra língua para construir significados. Consequentemente, o profissional apto para trabalhar tais circunstâncias é o psicopedagogo, por lidar com diversas áreas do conhecimento.

Ao iniciar nossa busca por respostas, a fim de saber como podem ser feitas as intervenções psicopedagógicas, visto que o psicopedagogo provavelmente não terá domínio de línguas, percebemos que não é na língua estrangeira em si que ele deve agir. A atuação do psicopedagogo está em analisar as situações de aprendizagem, cruzando dados com toda a bagagem teórica que possui pelo que estudou. Este profissional está apto a entender o que há por trás das dificuldades que o aluno mostra, analisando seu ritmo de aprendizagem. Por isso, o psicopedagogo na escola “visa incluir este aprendente não apenas como falante de um segundo idioma; trata-se de uma inclusão social e de uma autoafirmação, cujo o trabalho deve acontecer por meio da motivação e promovendo a autoestima.” (FLORÊNCIO, 2010).

Com a presença do psicopedagogo institucional, o professor poderá passar a enxergar as necessidades pessoais desse aluno e guiá-lo a entender que ele tem seu tempo interno para que aprenda, ao invés de exigir sem olhar para a singularidade daquele ser. O aluno deve encontrar na língua estrangeira um lugar para ampliar seus horizontes e aprendizados, e não uma disciplina a mais para ter de atingir a média.

Sabemos o quão importante é o uso da linguagem não só para comunicação, mas também para a interação entre sujeitos. Para isso fazemos uso da linguagem oral, linguagem escrita ou até mesmo linguagem corporal, ponto forte para psicopedagogia. O uso da linguagem serve para a socialização dos indivíduos, não somente da mesma cultura, classe social, mas da diversidade que compõem o mundo e o universo em que vivemos, inclusive o ambiente escolar, que por sua vez é carregado de diversidade, cultural, social, econômica e de variações linguísticas.

A Psicopedagogia segue preocupada com seu objeto de estudo a aprendizagem, de como este relacionar-se com o conhecimento acontece de maneira única, singular para cada um. Podemos observar aqui as considerações de Fernández (2001) ao tratar das modalidades de aprendizagem:

Cada um de nós se relaciona com o outro como ensinante, consigo mesmo como aprendiz e com o conhecimento como um terceiro de um modo singular. Analisando com cuidado o modo como uma pessoa relaciona-se com o conhecimento, encontraremos algo que se repete e algo que muda ao longo de toda a sua vida nas diferentes áreas. Chamo modalidade de aprendizagem a esse molde ou esquema de operar que vai sendo utilizado nas diferentes situações de aprendizagem. É um molde, mas um molde relacional. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 85).

Miccoli (2013) diz que “o aprendiz adolescente pode estar em sala de aula cumprindo tarefas designadas pelo professor, mas não necessariamente engajado em atividades que possam conduzi-lo à aprendizagem. (MICCOLI, 2013, p. 13).

Muitas vezes o professor não sabe como poderia mudar sua didática para que agregue na vida escolar do aluno e dê conta do conteúdo, e através do olhar proposto pela psicopedagogia, analisando perfis de turma, fazendo intervenções por meio de questionários, feitos com o propósito de entender quais os problemas e de onde advém tais situações, o psicopedagogo institucional poderá auxiliar o professor a transformar a sala de aula. Bossa (2000) *apud* Pereira e Peres (2011) salienta que é importante o trabalho do

psicopedagogo na participação da dinâmica cotidiana da comunidade educativa, promovendo orientações metodológicas, assessorando na elaboração dos planos de ensino, bem como no projeto pedagógico da escola [...] deverá sensibilizar a equipe de trabalho para a importância de repensar sua função, tomando como referencial o próprio trabalho docente e os interesses e necessidades dos alunos. (PEREIRA e PERES, 2011, p. 53).

Desta forma, entendemos que a atuação psicopedagógica institucional começa muito antes de haver um problema, como já afirmado. Ela começa nos primórdios, na formação dos professores. E prepará-los não significa que uma vez será suficiente, que estarão blindados na sala de aula, que lecionarão para turmas perfeitas porque fez todo seu planejamento com um profissional psicopedagogo.

Quando o educando se percebe como um personagem protagonista neste processo de aprendizagem, o desejo de aprender é muito maior. A didática com um olhar psicopedagógico nos faz refletir também sobre a interrelação professor-aluno. O educador também faz parte de um processo de participação, integração, entrega e superação. O ato de planejar, assim assumido, deixará de ser um simples estruturar de meios e recursos, para tornar-se o momento de decidir sobre a construção de um futuro e principalmente, de quebrar paradigmas. (SOARES e SENA, s/d, p. 7-8).

Sendo assim, o resultado que é esperado a cada intervenção que é feita com a turma ou individualmente, é que o aluno recupere a confiança em si e no seu potencial de aprender. O auxílio do psicopedagogo muda a cada turma, a cada problema novo que é diagnosticado, e para ser feito o “diagnóstico” as ferramentas a disposição do psicopedagogo são variadas e cabe somente a ele julgar qual será melhor para cada turma e situação individual.

Segundo Gonçalves (2017), o papel de auxiliar deve ser delegado ao psicopedagogo, por este ser o profissional apto a entender os aspectos cognitivos de cada faixa etária, sabendo aplicar “uma linguagem lúdica com crianças no período pré-operatório, por exemplo, ou ainda: a compreensão das mudanças biológicas e psicológicas que afetam os adolescentes” E ainda, fazer com que caia o estigma de que o aluno não aprende por ser preguiçoso, ou outras denominações que não merecem ser citadas. “Em segundo lugar emergem as questões de ordem prática como a dificuldade de compreender determinada estrutura gramatical, ou memorizar vocabulário” e principalmente “a frustração de não ter sucesso em estabelecer uma comunicação na língua alvo” (GONÇALVES, 2017, 10). Por ter a oportunidade de ir buscar as justificativas para cada comportamento nas áreas que baseiam sua formação, o psicopedagogo consegue tratar de cada ferida e ajuda a curá-la.

Não podemos ter aqui uma resposta pronta para qual caminho o psicopedagogo irá seguir para resolver os conflitos que para ele forem levados, pois se a Psicopedagogia respeita e leva a ser respeitado o individual de cada pessoa, não poderia ela trazer receitas prontas. Desta forma, cada caso é visto de maneira única, “sem precedentes, pois compreendemos que cada ser humano é único, e ao longo de um processo de anamnese (atendimento clínico) ou levantamento diagnóstico (atendimento institucional) hipóteses surgirão para direcioná-lo em uma possível intervenção” (GONÇALVES, 2017, p. 10).

Embora tenhamos mostrado o quão importante é ter um psicopedagogo como braço direito do professor, é importante reforçar que apenas um psicopedagogo não daria “conta de suprir toda a demanda de formação de um professor de educação formal, por exemplo. Assim, como dito anteriormente, sua intervenção terá caráter paliativo e pontual, trabalhando as dificuldades que emergem no dia-a-dia dos professores de língua inglesa” (GONÇALVES, 2017, p. 10).

4 Conclusão

Durante todo o trajeto até chegarmos ao final deste trabalho, iniciando com um simples projeto, muitas dúvidas nos circundaram, não apenas com relação ao tema, mas principalmente sobre ele. E em meio a tais dúvidas, surgiu a importância da formação continuada do professor. Não apenas àquela que é oferecida pelas instituições de ensino e redes, mas a formação que o professor deve buscar para atualizar-se, a fim de estar em sintonia com a sala de aula e as pessoas que estão ao seu redor. Pois, o mundo a nossa volta está em constantes evoluções. Uma vez a visão que tínhamos da sala de aula era um lugar com cadeiras enfileirados, quadro de giz, livros físicos, hoje podemos perceber que, não em sua totalidade, mas a mudança está em nosso dia-a-dia. Já temos aulas que uma simples disposição e carteiras diferenciada faz diferença. Não há mais como ignorar ou tardar a importância de estar sempre ligados as oportunidades que são oferecidas para reciclar nosso repertório. E estas ideias começam a partir do momento que ousamos sair do lugar confortável que estamos e procuramos continuar nossa busca por novos conhecimentos. E, além de remodelar nossa prática, estaremos também, conquistando os alunos. Ter um Psicopedagogo Institucional seria capaz de abrir esses horizontes no cotidiano escolar.

A Psicopedagogia nos influencia e confirma ainda mais a estar em constante busca por novos saberes, pois, com vimos em todo o trabalho, a importância de ter um psicopedagogo na escola é excepcional e traz benefícios que nos auxiliaria a sermos melhores profissionais em sala de aula e no ambiente escolar, uma vez que a Psicopedagogia amplia aos docentes e discentes inovação em sua prática no decorrer do ensino-aprendizagem, trazendo o olhar que tanto precisamos. As discussões trazidas pela Psicopedagogia abordam os caminhos que devemos trilhar, e que talvez não fôssemos capazes de pensar sem ter um profissional como o Psicopedagogo “a disposição”.

Contudo, como também já foi abordado, não é realidade de muitas instituições desfrutar deste valioso recurso. Portanto, “a profissão precisa ser regulamentada e consequentemente, tenhamos Psicopedagogos qualificados nas unidades escolares de todo o país” (SOARES E SENNA, s/d, p.8). De forma que as vantagens que a Psicopedagogia Institucional traz vão além da atuação exclusivamente em sala de aula, englobando também toda a equipe escolar e pais, ajudando a manter harmonia entre ambos interesses.

Os conhecimentos que a Psicopedagogia traz tornam-se ainda mais indispensáveis por serem de caráter interdisciplinar, o que compreende quaisquer disciplinas, como a que aqui foi abordada, Língua Estrangeira. Atingindo nosso primeiro objetivo que foi realizar, através da revisão de literatura, o mapeamento sobre o papel do Psicopedagogo e o ensino de língua estrangeira.

Entendemos, que a Psicopedagogia não é a cura dos males, mas sim, uma via que nos leva a entender o que é uma dificuldade de aprendizagem, como preveni-las, e como reagir frente a tais situações. Pois

o profissional da Psicopedagogia propõe e auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis às mudanças educacionais, visando à descoberta e o desenvolvimento das capacidades da criança, bem como pode contribuir para que os alunos sejam capazes de olhar esse mundo em que vive de saber interpretá-lo e de nele ter condições de interferir com segurança e competência. (SOARES E SENNA, s/d, p. 8).

Compreendemos também, que este trabalho não se encerra aqui, há muito mais que ser explorado, visto que existem instituições que não contam com o Psicopedagogo, mas que tem professores que buscaram a especialização ou graduação na área para renovar sua prática, e esta seria uma possível saída enquanto esperamos que a nossa profissão seja regulamentada, e possivelmente exigida nas escolas.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Parâmetros Nacionais para Elaboração de Concursos Públicos para Psicopedagogos no Brasil**. 2013. Disponível em: <https://www.abpp.com.br/documentos_referencias_parametro_nacional_para_eleboracao_de_concurso_publico_psicopedagogo.html>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. 1971. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#art92>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. 2017. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/bncc_ei_ef_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre psicopedagogia clínica e institucional: um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FLORÊNCIO, Flávia. **O Ensino de Língua Estrangeira em uma Abordagem Psicopedagógica**. 2010. Disponível em: <<http://acervo.plannetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1974>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

GERALDELLO, Ademir Paulo. Tedesco, Anderson Luiz. (Re)pensando o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. **Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 25-42, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/17601/20009>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

GONÇALVES, Cássia Regina Rocha. **Intervenção psicopedagógica no ensino de idiomas: trabalhando com docentes**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24129_11752.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

MICCOLI, Laura Stella; LIMA, Carolina Vianini Amaral. Experiências de indisciplina e aprendizagem de LE: o olhar do aluno. **Pensares em Revista**, n. 2, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/7604>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SOARES, Matheus; SENA, Clério Cezar Batista. **A contribuição do psicopedagogo no contexto escolar**. Disponível em: <<http://maratavarepsictics.pbworks.com/w/file/74460590/126-130624014932-phpapp01.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SCHÜTZ, Ricardo. **Stephen Krashen's Theory of Second Language Acquisition**. English Made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-krash.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SCHÜTZ, Ricardo. **Assimilação Natural x Ensino Formal**. English Made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

PEREIRA, Ane Caroline de Souza; PERES, Maria Regina. A criança e a língua estrangeira: contribuições psicopedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem. **Construção Psicopedagica**, São Paulo, v. 19, n. 18, p. 38-64, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542011000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2019.

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões. O trabalho do psicopedagogo institucional. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n. 139, p.71-76, 20 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17281>>. Acesso em: 14 nov. 2019.